CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: ISABELLA MAÍRA DOS SANTOS BRAGA

TÍTULO: APROPRIAÇÕES, USOS E RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS: PRÁTICAS CULTURAIS NA PRAÇA SETE NO HIPERCENTRO DE BELO HORIZONTE

AUTORES: ALEXANDRA DO NASCIMENTO PASSOS, ISABELLA MAÍRA DOS SANTOS BRAGA, ALEXANDRA DO NASCIMENTO PASSOS, ALINE MARTINS DOS REIS, ISABELLA MAÍRA DOS SANTOS BRAGA, RAY CANAAN DE CARVALHO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): NÃO POSSUI

PALAVRA CHAVE: PRÁTICAS CULTURAIS; PRAÇAS; ÁREAS CENTRAIS; BELO HORIZONTE

RESUMO

O estudo analisa as distintas apropriações dos espaços da Praça Sete no hipercentro de Belo Horizonte. O trabalho problematiza a produção dos distintos grupos que se apropriam dos seus quarteirões para exercer seus ofícios. Buscou-se investigar o ofício do artesão na aproximação e diferença com a arte e as exigências do mundo do trabalho. Os espaços não podem ser vistos como uma produção global, fruto do trabalho dos intelectuais e de seus conceitos: as imagens plenas e as representações racionais se esgarçam e deixam entrever territórios, que podem ser espaços, meios geográficos, mas podem também levantar o véu racional que encobre as fugidias subjetividades que se apresentam como uma espécie de submundo silencioso face a modernidade. Podem ser espaços onde as múltiplas redes de sociabilidade se repetem, diferenciam-se, modificam-se em fragmentos a serem desvendados. Nesse sentido, o pensar a cidade como espaço de memória se constitui uma compreensão mutável, construída por pedaços, por recordações tanto históricas como pessoais, intimamente misturadas à escrita, à escuta, ao momento e aos costumes (Bresciani, 1999). Os espaços da Praça Sete abrigam no seu cotidiano hippies, grupos de músicos, estátuas vivas, floristas entre outros que buscam obter algum ganho por meio da venda de seu trabalho. As supostas oposições entre o culto e o popular, entre o moderno e o tradicional condensam-se na distinção estabelecida pela estética moderna entre arte e artesanato. Para avançar no conhecimento deve-se recusar a preocupação sanitária em distinguir o que teriam a arte e o artesanato de puro e não contaminado e estes serem pensados a partir de seus cruzamentos, suas relações (Canclini, 1997). Por meio de entrevistas e da observação das práticas culturais na Praça Sete, é possível pensar não somente a relação existente entre arte e artesanato na contemporaneidade, mas também as diferentes formas de apropriação e ressignificação do espaço urbano.